

Qual é a cor da poesia de Conceição Evaristo?

What is the color of the poetry of Conceição Evaristo?

Jefferson Silva do Rego
Universidade Federal de Goiás (UFG)
entrecas@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-9367-3292>

RESUMO

Objetivamos mostrar que a poesia lírica de Conceição Evaristo tem marcas de seu lugar de fala, uma mulher negra na vida social do Brasil contemporâneo; ou seja, sua poesia é perpassada por questões que envolvem a autoria negra e feminina. Desse modo, no intuito de mostrar que a lírica de Evaristo promove o empoderamento da mulher negra, serão analisados dois poemas de sua autoria, quais sejam, “Eu-mulher” e “Vozes-Mulheres”. Como suporte teórico-metodológico, serão importantes as contribuições de Luiz Silva (Cuti) (2010), Zilá Bernd (1987) e Eduardo de Assis Duarte (2006).

Palavras-chave: Conceição Evaristo; Racismo; Patriarcado.

ABSTRACT

This study aims to demonstrate that the lyric poetry of Conceição Evaristo reflects her perspective as a Black woman in contemporary Brazilian society. Her poetry is infused with themes of Black and female authorship. To illustrate how Evaristo's lyric poetry promotes the empowerment of Black women, two of her poems, “Eu-Mulher” and “Vozes-Mulheres” will be analyzed. Theoretical and methodological support will be drawn from the works of Luiz Silva (Cuti) (2010), Zilá Bernd (1987), and Eduardo de Assis Duarte (2006).

Keywords: Conceição Evaristo; Racism; Patriarchy.

INTRODUÇÃO

No Brasil contemporâneo, Conceição Evaristo é uma escritora que vem, progressivamente, ganhando prestígio na cena literária. Segundo Anselmo Peres Alós (2011), a estreia de Evaristo nas letras brasileiras foi relativamente tardia, remontando ao início dos anos 1990, quando começou a colaborar em periódicos literários. Um dos principais meios nos quais ela publica é a série *Cadernos Negros*, fundada pelo grupo

“Quilombhoje Literatura”, coletivo de escritores fundado em 1980 com o objetivo de aprofundar a experiência afro-brasileira na literatura.

Aqui mostraremos que a poesia de Evaristo tem marcas de seu lugar de fala, uma mulher negra no cenário do Brasil contemporâneo. A dizer, sua lírica é perpassada por alguns dilemas (bem como algumas possibilidades de enfrentamento) que envolvem a autoria negra e feminina. Desse modo, serão analisados dois poemas de sua autoria, quais sejam, “Eu-mulher” e “Vozes-Mulheres”. Como suporte teórico-metodológico, serão importantes as contribuições de Luiz Silva (Cuti) (2010), Zilá Bernd (1987; 1988), e Eduardo de Assis Duarte (2006).

A POESIA DE AUTORIA NEGRA E FEMININA: DILEMAS E POSSIBILIDADES

A poesia de Conceição Evaristo, mais do que a intenção de desmascarar uma sociedade branca excludente, fala de um lugar próprio, particular, de quem sofre ou sofreu os desmandos de uma sociedade racista e patriarcal. Nesse contexto, emerge um eu enunciador que traz a importância de negros e negras na literatura nacional, não mais apenas no papel de personagem insignificante, mas de protagonista; questão que foi muito bem trabalhada por Luiz Silva Cuti (2010):

É necessário acabar com a invisibilidade do negro na literatura. A literatura, pois, precisa de um antídoto contra o racismo nela entranhado. Sob o manto de um silêncio midiático, livros individuais, antologias de poemas, contos e ensaios e obras de referência vêm se somando para revelar um Brasil que se quer negro também no campo da produção literária, pois o país plural se manifesta no entrecruze das ideias e nos intercâmbios de pontos de vista. (Cuti, 2010, p. 13).

Quanto ao conceito de literatura negra ou afrodescendente, concordamos com Zilá Bernd (1988, p.48), para quem tal literatura se constitui a partir do surgimento de um sujeito de enunciação que se afirma e se quer negro. Com efeito, não basta ser afrodescendente ou simplesmente utilizar-se de temas ligados à afrodescendência. É necessária a assunção de uma perspectiva identificada à história e cultura inerentes à vida desse importante segmento da população brasileira. Quanto a essa questão, ao estudar como homens e mulheres se assumem como negros e negras na América latina, Bernd (1987) diz que existe, no Brasil, produções literárias que não estão amparadas por instâncias de legitimação, que se articulam em torno de uma consciência negra, trabalhando em uma construção identitária com similaridades entre modelos caraíba e

latino-americano.

Desse modo, Bernd (1988) advoga uma negritude que coexista com outras consciências, como da americanidade, brasilidade etc.; uma negritude que compartilhe determinadas situações históricas. Conseqüentemente, quanto à questão da identidade, Bernd (1988) entende que, alienado de sua cultura de origem e cercado por valores de um mundo que o discrimina, a construção de identidade pelo(a) negro(a) é uma busca de autodefinição; de sorte que, para Bernd (1988), a poesia negra brasileira revela uma busca de identidade reflexiva, com dimensões de interioridade (visão de nós mesmos) e exterioridade (visão do outro sobre nós). Logo, o(a) poeta negro(a) traz em suas obras o desenraizamento, a busca por dimensões perdidas e a sua reconstrução como sujeito pertencente a uma comunidade. Dessa forma, Bernd (1987) tece considerações sobre o transplante de negros(as) para as Américas e o seu processo de desaculturação – perda dos traços elementares da cultura de origem – que se acentua conforme o passar do tempo e a sua não inserção na construção de uma identidade nacional, tendo em vista a sua condição de escravizados(as) ou de seus descendentes.

Bernd (1988) faz considerações sobre as formas diretas e indiretas dos fenômenos relacionados às resistências negras nas Américas, tendo a literatura como um dos seus elementos. Então, a autora discorre sobre as diferentes narrativas de escritores haitianos, desde o realismo maravilhoso aos textos das revistas manifesto; sobre os discursos historiográficos e literários latino-americanos que se contrapõe aos dos dominadores; sobre a chamada “voz dos Trópicos”, representada pela revista *Tropiques*, na qual Aimé Césaire, um dos construtores da Negritude, passa a utilizar as expressões poesia negra e poeta negro. Aliás, para Bernd (1988), Aimé Césaire é o criador, em linhas gerais, de uma estética da poesia negra americana.

Dessa maneira, Bernd (1988) aponta alguns traços que caracterizam a literatura negra brasileira: as suas raízes afro, elementos que podem ser observados no seu discurso, território supranacional de circulação e comunidade de destino composta pelos autores e receptores. Desse modo, Bernd (1988) explicita o desenho do perfil da poesia negra no Brasil como literatura de resistência, remetendo ao surgimento e à constituição de uma imprensa negra, de associações e do teatro negro. Na resistência negra, trazendo o exemplo de Solano Trindade, compreende uma linhagem de poetas que trazem em suas obras uma pertença ao solo americano, a um conceito integrado de América; de sorte que suas poesias se constituem como o lugar do oprimido de qualquer raça. Em suma, Bernd (1988) aponta para a reapropriação pelos(as) poetas negro(as) de espaço

existencial próprio, em processo dinâmico de construção identitária. Em suma, para Bernd (1992), a poesia de autoria negra é caracterizada pela necessidade de o eu-lírico ser o enunciador de seu próprio texto, transformando símbolos de repressão em formas de resistência da comunidade negra. Em geral, são construídas “imagens ora de uma África-mãe, espaço mítico onde se encontram as raízes, ora de uma África violada pelo branco” (Bernd, 1992, p. 271).

Ao se discutir o racismo no Brasil, percebemos, junto com Lélia Gonzalez (1984), uma evidente naturalização do fenômeno, como se negros “naturalmente” tivessem que viver na miséria. Quanto a essa situação, a autora afirma que o mito da democracia racial oculta algo para além daquilo que mostra, pois exerce sua violência simbólica de maneira especial sobre a mulher negra. Ora, ao lado do endeuamento carnavalesco de seu corpo, há, cotidianamente, a transfiguração dessa mulher em empregada doméstica.

Gonzales (2019) refuta com veemência o mito da democracia racial no Brasil, criticando o pensamento corrente segundo o qual a africanização da cultura brasileira é um modo de regressão. Para esta autora, quem assim pensa esquece que o Brasil já está e é africanizado. E ao pensar no mito de origem elaborado por Mário de Andrade, que é o Macunaíma, Gonzales (2019) lembra que Macunaíma nasceu negro, “preto retinto e filho do medo da noite”. Depois ele branqueia como é comum ocorrer com muitos crioulos: “É por aí que dá para gente entender a ideologia do branqueamento, a lógica da dominação que visa a dominação da negra mediante a internalização e a reprodução dos valores brancos ocidentais” (Gonzales, 1984 p. 237).

Assim, Gonzalez (2020) mostra que o mito da democracia racial desconsidera a ausência de mulheres negras intelectuais no mundo literário. Logo, nesse cenário excludente, a produção poética de mulheres negras já surge sob o signo de resistência, ao colocar em discurso (poético) a existência e a experiência subjetivas de figuras historicamente excluídas e objetificadas. Desse modo, consoante Gonzalez (2020), ao expressarem sua subjetividade, as mulheres negras saem do papel de seres objetificados e superam a naturalização que resultou nos mitos da mãe preta, da rainha do carnaval e da empregada doméstica.

Quanto à discussão sobre as relações étnico-raciais contemporâneas, cumpre lembrarmos de Grada Kilomba (2019), que é uma das referências básicas nesse assunto. Para esta autora, a literatura negra funciona como um processo de cura (da ferida colonial), o que desencadeia a valorização da comunidade negra. Em outras palavras,

Kilomba (2019) investiga o passado em diálogo com o presente devido ao caráter evolutivo de opressão e persistência do racismo, haja vista que as facetas traumáticas do racismo se reatualizam, se transforma e se perpetua no seio da contemporaneidade.

Conforme Kilomba (2019, p. 156), em certas interações verbais, quando a palavra “negro(a)” é proferida, a pessoa que o faz não se refere somente à cor de pele negra, mas também à cadeia de termos associados à palavra em si: primitividade, animalidade, ignorância, preguiça, sujeira, caos etc. Essa cadeia de equivalências define o racismo. Então, frisa Kilomba (2019 p. 156) que nós nos tornamos a corporificação de cada um desses termos, não porque eles são reais e estão inscritos fisicamente na superfície de nossas peles, mas porque o racismo existe, e ele é discursivo e não biológico.

Conforme Heleine Fernandes de Souza (2020, p. 42), as mulheres negras têm suas trajetórias determinadas pela interação de opressões, envolvendo as categorias de gênero, raça e classe, que impõem barreiras sociais significativas, invisibilizando-as. Assim, a tese da natureza interligada da opressão vem sendo elaborada desde o século XIX pelas feministas negras, que seriam as primeiras a perceber que minimizar uma forma de opressão, apesar de essencial, ainda pode deixá-las oprimidas de outras formas igualmente desumanizadoras.

Souza (2020, p. 42) enfatiza que as mulheres negras sofrem do intercruzamento de opressões advindas do acúmulo de diferentes categorizações dicotômicas que definem identidades diferentes, opostas e desiguais. A esta sobreposição de lugares de exclusão dá-se o nome de interseccionalidade. Consoante Souza (2020, p. 44), trata-se de uma lógica que coloca as mulheres negras em uma lacuna ilegível, guiando muito do funcionamento de movimentos sociais, como aponta Kimberlé Crenshaw (2002): “Uma das dificuldades é que, mesmo dentro dos movimentos feministas e antirracistas, raça e gênero são vistos como problemas mutuamente exclusivos” (Crenshaw, 2002, p. 14). Desse modo, se o assunto é gênero, não se fala de raça, se o assunto é raça, não se fala de gênero. Isso contribui para a manutenção do racismo no Movimento Feminista e do machismo no Movimento Negro. Souza (2020, p. 45) lembra ainda que diagnóstico semelhante é feito por Sueli Carneiro:

Os esforços organizativos das mulheres negras decorrem da insuficiência com que a especificidade da mulher negra é tratada tanto no Movimento Feminista quanto no Movimento Negro, posto que não está estruturalmente integrada nas concepções e práticas políticas destes dois movimentos sociais a perspectiva que há sempre uma dimensão racial na questão de gênero, e

uma dimensão de gênero na problemática étnico- racial (Carneiro, 2018, p. 170).

Diante desse quadro, Conceição Evaristo apresenta uma contrafala ao discurso do poder, fundamentando seu projeto literário – a escrevivência – em uma base na qual se cruzam e dialogam uma perspectiva feminina e uma afrodescendente. Logo, a poesia lírica de Evaristo contraria a ideia da afasia relacionada à mulher negra, argumento associado ao pensamento da feminista afro-americana bell hooks (1995) que aborda a insistência cultural em promulgar a imagem da mulher negra relacionada, em função da estereotipação, à ama de leite, ou seja, com aptidão ao trabalho doméstico e inapta ao trabalho intelectual: “o sexismo e o racismo, atuando juntos, perpetuam uma iconografia de representação da negra que imprime na consciência cultural coletiva a ideia de que ela está neste planeta principalmente para servir aos outros” (hooks, 1995, p. 468). Então, a mulher negra é comumente compreendida como sujeito de capacidade inata para cuidar e servir, estando dissociada da ideia de sujeito com consciência autorrepresentativa.

Tendo em vista esse cenário, a poesia de Conceição Evaristo parte e situa-se em experiência(s) proveniente(s) das circunstâncias concretas das mulheres negras na sociedade brasileira. Logo, sua poesia (que também é fruto de sua escrevivência) parte de uma autoria negra e feminina. Desse modo, no âmbito teórico-crítico e metodológico, faz-se preciso uma incursão por sua lírica mediada por conceitos como gênero, raça, classe, interseccionalidade e lugar de fala, uma vez que eles nos ajudam a refletir criticamente sobre a potência de seus poemas ao representar a população negra em geral e as mulheres negras em particular. Vejamos como podemos fazer essa incursão nos poemas “Eu-mulher” e, depois, em “Vozes-Mulheres”.

Eu-mulher

Uma gota de leite
Me escorre entre os
seios Uma mancha de
sangue me enfeita entre
as pernas Meia palavra
mordida
me foge da boca.

Vagos desejos, insinuam esperanças
Eu mulher em rios vermelhos
inauguro a vida.
Em baixa voz
violento os tímpanos do mundo.
Antevejo.

Antecipo.
Antes-
vivo.
Antes – agora - o que há de vir.
Eu fêmea-matriz.
Eu força-motriz.
Eu, mulher
abrigo da semente
moto contínuo
do mundo.
(Evaristo, 2017, p. 23).

Conforme Evaristo (2009), no contexto da vida social brasileira, há uma diversidade de material que apresenta as mulheres negras no papel da mãe-preta, da ama-de-leite e da babá. Assim, a mulher negra é destituída de protagonismo, isto é, do papel de “fêmea-matriz” e “força-motriz” da própria família. Em outros termos, “[...] percebe-se que na literatura brasileira, ao longo dos tempos, a mulher negra não surge representada como mãe, musa ou heroína romântica” (Evaristo, 2009).

No poema “Eu-mulher”, da própria Evaristo, percebemos a veemência (quicá, até euforia) do eu-lírico, ao representar a voz o e corpo da mulher negra (afrodescendente) no contexto brasileiro. Desse modo, esse poema mostra a força motriz da mulher negra, exaltando seu poder emanado através de um ventre que pariu a força da resistência feminina e negra.

Ora, as constantes temáticas da obra de Evaristo a inserem em um continuum de autores afrodescendentes, para os quais as questões étnico-raciais não são apenas um aspecto da realidade brasileira a ser incorporado em sua escrita; antes, são uma experiência constitutiva de suas subjetividades. Por essa razão, a voz poética do poema estudo declara: “Vagos desejos, insinuam esperanças / Eu mulher em rios vermelho / inauguro a vida. / Em baixa voz / violento os tímpanos do mundo” (Evaristo, 2017, p. 23).

Concordamos com Anselmo Peres Alós (2011, p. 286), quando afirma que, na poética de Evaristo, há uma tensão dialética entre a busca pela própria voz e a resistência ao silêncio histórico imposto aos afrodescendentes no Brasil. Como alternativa para enfrentar este silêncio secular, “Evaristo realiza uma arqueologia afetiva, escavando nas memórias familiares elementos que permitam ao sujeito poético afirmar-se no mundo ao mesmo tempo em que reconstitui as suas origens e concretiza sua identidade” (Alós, 2011, p. 286).

Desse modo, no projeto poético de Evaristo, há uma preocupação em se construir uma identidade afirmativa para a mulher negra, cujo papel no imaginário

nacional foi apagado em função dos resquícios da herança escravocrata brasileira. É o que vislumbramos no fragmento do poema “Eu-mulher”: “Antes – agora – o que há de vir. / Eu fêmea-matriz. / Eu força-motriz. / Eu-mulher / abrigo da semente / moto-contínuo / do mundo” (Evaristo, 2017, p. 23). Nesses versos, a voz poética reconhece a mulher como sujeito ativo na construção da história (tanto a sua individual quanto a coletiva). Para tanto, ressalta-se a participação das mulheres no mundo social, referenciando positivamente funções como a manutenção da vida, através das imagens da fêmea-matriz, força-motriz, abrigo da semente e moto contínuo do mundo.

Segundo Duarte (2006, p. 305), em 1980, Conceição Evaristo toma conhecimento das atividades do Grupo Quilombhoje e da publicação, em São Paulo, da série Cadernos Negros. Esse é um momento de efervescência dos movimentos sociais pela igualdade racial, com mobilizações nas principais capitais brasileiras. Em 1990, o número 13 dos Cadernos Negros publica o poema "Vozes-mulheres", de Evaristo, texto que até hoje figura como uma espécie de manifesto-síntese da poética dessa escritora:

Vozes-Mulheres

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência/
aos brancos-donos de tudo.
A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas
alheias debaixo das trouxas
roupagens sujas dos
brancos pelo caminho
empoeirado rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoa versos
perplexos com
rimas de sangue e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas
gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.

O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a
ressonância O eco da
vida-liberdade. (Evaristo,
2017, p. 24).

O título no plural desse poema, “Vozes-Mulheres”, remete-nos à ideia de representatividade das mulheres mediante o uso de sua voz, fazendo-nos lembrar que o silenciamento e o apagamento dessas vozes sempre imperou ao longo da história brasileira. Assim, esse título evoca um elemento muito importante da poesia de Evaristo: a afirmação e a exaltação da voz das mulheres, sobretudo das mulheres negras, geralmente, silenciadas em nossa sociedade.

Nos cinco primeiros versos desse poema de Evaristo: “A voz de minha bisavó / ecoou criança / nos porões do navio. / ecoou lamentos / de uma infância perdida.”, há uma alusão direta ao passado do eu-lírico, no qual sua bisavó ecoou lamentos de uma infância perdida nos porões de um navio. A dizer, o eu-lírico começa recordando a voz de sua bisavó, que perdeu a infância porque foi uma negra escravizada, oriunda da África em um navio negreiro português.

Na segunda estrofe de “Vozes-Mulheres”, de Evaristo: “A voz de minha avó / ecoou obediência / aos brancos-donos de tudo”, vemos que a avó do eu-lírico (assim como sua bisavó) também foi uma mulher negra escravizada pelos brancos portugueses. Destacamos aqui a palavra obediência e a expressão “brancos-donos de tudo”, pois precisamos ter em mente que a aludida obediência, muito provavelmente, é resultante da violência imposta pelos europeus, que são justamente os “brancos-donos de tudo”, aludindo ironicamente à ideologia nefasta que sustentou o processo colonizador no Brasil.

Na terceira estrofe desse poema o eu lírico aborda a voz de sua mãe, voz esta que já não é tão obediente quanto a voz da avó, pois: “ecoou baixinho revolta”. No entanto, vemos que a voz dessa mãe já não está mais na senzala e sim: “no fundo das cozinhas alheias / debaixo das trouxas / roupagens sujas dos brancos”, mostrando que a exploração dessas mulheres vai se reconfigurando no decorrer do tempo, de acordo com as mudanças da vida social. Os dois últimos versos confirmam o destino para onde se locomoveram os(as) escravizados(as) após a abolição formal da escravatura: “pelo caminho empoeirado / rumo à favela”.

Até aqui, vemos claramente que o poema “Vozes-Mulheres”, de Evaristo, aborda explicitamente a escravização dos povos africanos trazidos nos navios negreiros

pelos portugueses. Ora, o tema da memória presente na escrita de mulheres negras afrodescendentes é uma forma de propor uma revisão da história e contribuir para a afirmação da identidade afro-brasileira, já que, conforme afirma Sílvia Almeida (2018), a abolição formal da escravatura não significou, de fato, liberdade plena e igualdade para negros e negras ex-escravizados/as, haja vista que

Os diferentes processos de formação nacional dos Estados contemporâneos não foram produzidos apenas pelo acaso, mas por projetos políticos. Assim, as classificações raciais tiveram papel importante para definir as hierarquias sociais, a legitimidade na condução do poder estatal e as estratégias econômicas de desenvolvimento. (Almeida, 2018, p. 43).

Em seguida, na quarta estrofe do poema “Vozes-Mulheres”, temos a voz do eu lírico que ainda: “ecoa versos perplexos / com rimas de sangue / e / fome”. Aqui, entendemos que o eu lírico, nitidamente, ainda enfrenta as consequências tenebrosas do racismo resultante da escravização. É por conta desse árduo enfrentamento (e suas consequências dolorosas) que seus versos, prenhes de perplexidade, chegam a rimar sangue com fome.

Por fim, nas últimas duas estrofes desse poema de Evaristo, temos a voz da filha do eu-lírico que recolhe todas as vozes anteriores mais todas as vozes que sofrem e sofreram em meio a uma sociedade racista e patriarcal; a dizer, a voz de sua filha recolhe todas “as vozes mudas caladas / engasgadas nas gargantas”. Assim, embora o poema não aponte explicitamente para a opressão decorrente do machismo e do capitalismo, sabemos que, em nossa história social, os fenômenos opressores (racismo, exploração econômica e machismo) estão conectados e se retroalimentam.

Aliás, cabe aqui mencionar Angela Davis (2016), uma das mulheres mais proeminentes quanto aos estudos interseccionais e movimentos sociais que buscam combater as estruturas gerativas das assimetrias de gênero, raça e classe, em todas as suas formas. Para Davis (2016), ao abordar o racismo (suas causas e consequências), faz-se preciso considerar o machismo e a exploração econômica característica do capitalismo como fenômenos correlacionados. Desse modo, como os três fenômenos estão conectados, uma abordagem mais qualificada deve levar em conta a interseccionalidade que os envolve. Nesse sentido, o livro de Davis (2016), chamado *Mulheres, raça e classe*, reúne ensaios que fundamentam as origens das lutas feministas e antirracistas em bases materialistas e dialéticas, colocando em evidência os modos pelos quais as opressões entrelaçadas de gênero, raça, e classe incidem sobre a subjetividade e o corpo das mulheres negras.

Retornando ao poema de Evaristo, vemos que a última voz (a da filha do eu-lírico) recolhe em si “a fala e o ato”, demonstrando mais protagonismo nas lutas contra as opressões supracitadas. Recolhe ainda “O ontem – o hoje – o agora”, apontando para a construção e o acúmulo de um conhecimento histórico sobre aquelas lutas. Dessa maneira, não obstante a permanência e quiçá o fortalecimento de muitas opressões, o eu lírico mostra que a voz de sua filha está mais preparada para o necessário combate, vociferando que “Na voz de minha filha / se fará ouvir a ressonância / O eco da vida-liberdade”.

Em suma, no poema “Vozes-Mulheres”, de Evaristo, o eu lírico tematiza as opressões decorrentes do racismo, da escravização, da diáspora africana e demais violências sofridas pelas mulheres negras de sua família. São versos que ressaltam o papel dinâmico das mulheres negras, que emergem detentoras das memórias coletivas de seu povo. São versos que tematizam as opressões sofridas por todas as mulheres negras do Brasil. Entendemos também que essas opressões continuam existindo, pois possuem a capacidade de se reconfigurar, de geração a geração, no sentido de se adaptarem às novas configurações sócio-históricas. Portanto, conforme Duarte (2006, p. 306), o poema “Vozes-Mulheres” pode ser visto como uma espécie de manifesto-síntese da poética de Conceição Evaristo:

Os versos enfatizam a necessidade do eu poético de falar por si e pelos seus. Esse sujeito de enunciação, ao mesmo tempo individual e coletivo, caracteriza não apenas os escritos de Conceição Evaristo, mas da grande maioria dos autores afro-brasileiros, voltados para a construção de uma imagem do povo negro infensa dos estereótipos e empenhada em não deixar esquecer o passado de sofrimentos, mas, igualmente de resistência à opressão. (Duarte, 2006, p. 306).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o cenário sociopolítico do Brasil contemporâneo, a poesia lírica de Conceição Evaristo, uma mulher negra nesse contexto, é perpassada por algumas questões ligadas à autoria negra e feminina. Logo, sua poesia aborda dilemas relacionados à construção da identidade da mulher negra, trabalhando no sentido de instaurar uma retórica de resistências; o que acaba contribuindo para o desmantelamento dos estereótipos no imaginário brasileiro em torno dessa mulher.

Desse modo, mediante a leitura de dois poemas da autoria de Evaristo, quais sejam, “Eu-mulher” e “Vozes-Mulheres”, poemas nos quais ficam nítidas algumas

marcas do lugar de fala dessa poeta (mulher e negra no Brasil contemporâneo), vimos que sua lírica reescreve a história das mulheres negras no contexto histórico brasileiro, promovendo, conseqüentemente, o empoderamento dessas mulheres.

Por conseguinte, a poesia lírica de Conceição Evaristo é negra porque, além de apresentar vozes conectadas à uma história e à uma cultura afrodescendente, resistem ao apagamento e silenciamento impostos pela sociedade brasileira, uma sociedade onde sempre imperaram o racismo e patriarcado.

REFERÊNCIAS

ALÓS, Anselmo Peres. O lirismo dissonante de uma afro-brasileira. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 19(1), p. 283-300, janeiro-abril, 2011.

BERND, Zilá. Literatura Negra. In: JOBIM, José Luís (org.). *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 267 – 275.

BERND, Zilá. *Negritude e literatura na América Latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

BERND, Zilá. *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CARNEIRO, Sueli. *Escritos de uma vida*. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, Ano 10 (1), p.171-188, 2002.

CUTI, Luiz Silva. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016, 244p.

DUARTE, Eduardo de Assis. O Bildungsroman afro-brasileiro de Conceição Evaristo. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, 14(1). p. 305-323, janeiro-abril, 2006.

EVARISTO, Conceição. Dos sorrisos, dos silêncios e das falas. In: SCHNEIDER, Liane; MACHADO, Charliton (Orgs.). *Mulheres no Brasil – Resistência, lutas e conquistas*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, p. 2009.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, ANPOCS, p. 223-244, 1984.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa (org.) Pensamento feminista brasileiro*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, p. 261-278, 2019.

GONZALEZ, Lélia. *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Organização: Flávia Rios e Márcia Lima. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, Bell. Intelectuais negras. *Estudos feministas*, v.3, n.2, p. 464-469, 1995.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: episódios de um racismo cotidiano*. Tradução Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

SOUZA, Heleine Fernandes de. *A poesia negra-feminina de Conceição Evaristo, Livia Natália e Tatiana Nascimento*. Rio de Janeiro: Malê, 2020.

Recebido em: 21/01/2025

Aceito em: 08/04/2025

Jefferson Silva do Rego: Pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, concluiu o mestrado em Linguística em 2016 e, atualmente, cursa o doutorado em Literatura, em que estuda a poesia de Conceição Evaristo, sob a orientação do prof. Dr. Paulo Antônio Vieira Júnior.